

O Ensino e a Aprendizagem na Universidade: os desafios do Ensino Superior.

Adriana Padilha da Rosa

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Tuiuti do Paraná/Br (1993) e Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina/Br (2001). Especialista em Magistério. Professora adjunta e coordenadora do Curso de Pedagogia da Universidade Paulista, SP/Br. Docente na Universidade Nacional do Timor-Leste (UNTL, Díli), ministrou a disciplina de Língua Portuguesa no Curso de Direito. Foi Consultora de Língua Portuguesa no Ministério da Educação em Timor-Leste. Consultora do Instituto da Segurança Social (INSS) de Angola. Actualmente é Diretora Académica do Instituto Superior Tecnológico em Luanda/Angola. Possui experiência na área de Educação, Administração e Marketing. Palestrante, abordando os temas: Língua Portuguesa, Alfabetização, Leitura e Escrita, Magistério e Gestão no Ensino Superior. Autora de Livros e artigos sobre Alfabetização, Ensino e Gestão.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4525429801612298>

Resumo

Este artigo visa apresentar, de maneira breve, uma reflexão sobre a aprendizagem e o ensino superior, bem como, os desafios encontrados acerca de tal temática na sociedade moderna, numa perspectiva angolana. A proposta é abordar alguns dos problemas enfrentados no contexto universitário. Aponta-se inicialmente os aspectos do papel e da qualidade do ensino superior contemporâneo, uma vez que este tem como objetivo, entre outros, servir como prestador de soluções, indicar caminhos para problemas da coletividade e formar profissionais. Deve ser responsável, também, por fomentar o desenvolvimento tecnológico e a pesquisa. Como as Instituições são materializadas por pessoas, espera-se que, no ensino superior, essas sejam capazes de concretizar expectativas. Os docentes estão incluídos nessa ideia. Segundo BEHRENS (1998) este docente deve estar atento ao facto de que o ensino superior seja um espaço para produzir conhecimento. No entanto, segundo já se sabe e o mesmo autor enfatiza, não é qualquer conhecimento. Trata-se de uma produção com significado, a qual precisa dar conta dos avanços da ciência, da tecnologia, da cultura e também dos problemas da actualidade. Apesar dessa complexa exigência que acerca a instituição de ensino superior e as pessoas em que nela actuam, constitui-se nesse espaço um sistema de ensino alargado de responsabilidades. Estas, estão directamente ligadas a qualidade do serviço prestado à sociedade. A Universidade organiza-se com o propósito de levar indivíduos capacitados a actuarem no espaço social e pressupõe que a sua tarefa de formadora trará mudanças positivas ao meio. Essa ideia adquire mais força ainda quando são estabelecidas relações com outros organismos, tais como: empresas, instituições públicas ou privadas, entidades religiosas etc., os quais exigem excelência. Portanto, o maior desafio é coordenar as expectativas e habilidades dos estudantes com as competências dos docentes e mecanismos físicos adquiridos para promover a formação desejada. Também acaba por se tornar um grande desafio aliar tradição e inovação, com tantas possibilidades disponíveis ao mundo dos adultos, cada vez mais

exigentes de seus direitos e conscientes dos seus valores. Não há aqui uma receita, mas, algumas possíveis sugestões para nortear esse nebuloso cenário de sucesso.

Palavras-Chave: Ensino, Aprendizagem; Desafios; Ensino Superior; Angola.

1. Apresentação

A preocupação com a finalidade do ensino superior ultrapassa os limites físicos da instituição que se presta a este papel, torna-se portanto, uma preocupação de toda a sociedade. Antes, a instituição universitária era detentora de conhecimentos e os repassava, hoje o conhecimento é de domínio público, está em todos os meios sociais ou comunicativos. Pode-se observar a preocupação no documento editado pela UNESCO, Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI que considera como **missão** da educação superior educar, formar e realizar pesquisas; e como **função** a ética, a autonomia, a responsabilidade e a função preventiva.

A sociedade, no entanto, hoje caracterizar-se como a sociedade do conhecimento, e essa tendência traz à educação superior a responsabilidade de transformar-se em componente indispensável para o desenvolvimento cultural e sócio-econômico de indivíduos, comunidades e nações. É possível?

Considera-se então como ponto de partida para essa reflexão, a pesquisa científica, assim como ela é proposta pela universidade, como fundamentalmente social, à medida que possibilita que o conhecimento produzido e remontado ou reformulado supere os limites universitários e seja utilizado pela sociedade

Essa concepção de pesquisa também está diretamente relacionada ao ensino, quando deixa de ser privilégio dos pesquisadores e passa a ser utilizado enquanto metodologia e objeto de estudo. Pensemos então na questão da produção ou reprodução do conhecimento, no contexto da sala de aula, conhecimento este que é fundamental para a preparação dos profissionais em formação, conforme salienta Masetto (2004):

...| a luta que se vem travando para elevar o nível da qualidade do ensino de graduação exige que nossos esudantes aprendam a reconstruir o conhecimento, a descobrir um significado pessoal e próprio para o que estão aprendendo, a relacionar novas informações com o conhecimento que já possuem, com as novas exigências do exercício de sua profissão, com as necessidades atuais da sociedade onde vão trabalhar.

A pesquisa cria condições para desenvolver no estudante atitudes do aprender pela elaboração própria, ou seja, há a construção de um significado. Percebe-se a necessidade de uma união estabelecida entre pesquisa, ensino e extensão no ensino superior, para um aprendizado real, o qual trará de facto uma

contribuição para a formação profissional do estudante, ou seja, um ensino que atende à comunidade e que apresenta qualidade.

Neste ponto entra a questão de como se aprende e de como se ensina na universidade?

Esta resposta requer uma reflexão da prática, no ensino universitário, do cotidiano nas salas de aula.

Quando a questão é ensinar, depara-se com a representação própria de um docente, que é o elemento principal e responsável pelo ensino. É ainda o processo mais utilizado no ensino superior. Quando a referência é o aprendizado, centraliza-se a atenção no estudante, em suas capacidades etc., esse processo pressupõe o desenvolvimento de uma pessoa, envolvendo não só conhecimentos, mas as emoções, atitudes e valores dos estudantes.

Ao pensar na actuação do estudante do ensino superior Nóvoa (2000) assinala que:

[...] quando o professor desloca a atenção exclusivamente dos saberes que ensina, para as pessoas para quem esses saberes vão ser ensinados, vai sentir a necessidade imperiosa de fazer uma reflexão sobre o sentido do seu trabalho.

A ênfase em um dos processos, nesse caso, a aprendizagem, fará com que os resultados da integração dos dois processos (ensino e aprendizagem) sejam bem diferentes. Ao Refletir sobre essas questões, inicia-se então a discussão sobre a situação da aprendizagem.

2. A Aprendizagem

Pode ter ensino sem aprendizagem? Será que é correto dizer que um docente esteve a ensinar, se não houve aprendizagem por parte dos estudantes?

Sim, os estudantes podem ter aprendido, mas o docente pode não ter entendido essa aprendizagem.

O desafio é entender tal preocupação, ou seja, o problema do ensino superior, quando discute-se a visão que se tem sobre o ensino, sobre a universidade, ou de como as pessoas aprendem e de como pode se obter resultados satisfatórios, com certeza trará determinantes da ação docente em sala de aula. Em outras palavras: pensar o ensino implica pensar a aprendizagem e por consequência a pesquisa.

Ressalta-se ainda, que as relações *ensinante e aprendente*, vivenciadas no passado por cada adulto que exerce a acção docente, enquanto estudantes, poderão também nortear a postura deste, enquanto docente.

Para que isso não ocorra, por mera **reprodução**, os docentes devem assumir novas atitudes a partir da reflexão do fazer pedagógico (reflexivo). Essa reflexão deve basear-se numa acção disciplinada de

observar, registrar e refletir; construindo uma avaliação do próprio desempenho, segundo as palavras do grande pensador Paulo Freire, “uma práxis”.

A primeira verdade é: um docente deve aprender a ensinar, ou ensinar da melhor forma, ou ainda questionar-se constantemente sobre o que é ensinar no ensino superior.

A segunda verdade é: a aprendizagem é significativa à medida que o ser humano se situa no mundo, ele passa a atribuir significados ao que o rodeia. Origina-se, então, a estrutura e estes primeiros significados constituem os pontos básicos de ancoragem para outros. Logo, o fator mais importante na aprendizagem, é aquilo que o aprendiz já sabe. Mas, e o adulto, como reage frente a aprendizagem?

3. A aprendizagem do Adulto

Jean Piaget, um grande nome da educação, considerava o aprendizado como uma construção que ocorre no processo de desenvolvimento mental do indivíduo. Para que este indivíduo alcance a aprendizagem, ou como J. Piaget preferiu denominar, aumente seu conhecimento, é necessário que o esquema de assimilação desse sujeito sofra o que por ele era chamado de uma acomodação. Isto quer dizer que a relação estabelecida entre o sujeito e o objeto da aprendizagem, acontece antes de tudo na mente do indivíduo, ocorrendo assim, uma assimilação de tal situação a ser vivenciada a seguir. Se a partir daí, o sujeito for capaz de transformar esse objeto, utilizando-o de outras maneiras no mundo real, não apenas na mente, diz-se que ali ocorreu a acomodação. À medida que uma pessoa vai se constituindo de informações e experiências a respeito de um objeto de conhecimento, as idéias acumuladas durante o processo de assimilação, são modificadas quando relacionadas com a realidade, ocorrendo aí a acomodação do conhecimento.

Na linha de pensamento, piagetiana, é possível afirmar que a idade cronológica não influencia no processo de aprendizagem. Relevante, na verdade, são as experiências prévias que o sujeito obtém que indicam o nível de maturação, e principalmente a influência que o meio tem sobre este sujeito, já que todo adulto é produto e produtor do ambiente onde vive.

Sempre foi ensinado que, quanto mais velho um ser humano é, menor seria a sua capacidade cognitiva.

De fato isso ocorre, porém, depende também do fator social e cultural em que esteja o sujeito. Uma pessoa que sempre viveu num meio onde podia encontrar com facilidade diversos estímulos que exercitavam sua cognição quando jovem, na velhice teria sem dúvidas mais facilidade em aprender, bastaria motivação. Já um sujeito que por qualquer fator não tivera acesso a tais estímulos, mesmo motivado encontraria maiores obstáculos para aprender algo novo. No momento em que o sujeito resiste aprender algo novo, esse comportamento pode ser uma forma dele se sentir em equilíbrio.

O processo de aprendizagem é comparável a uma forma de arte, que demanda muito mais uma relação de “implicação” do que de “explicação”. Se, por exemplo, através de uma explicação, alguém tentar fazer com que uma pessoa entenda um ponto de vista a respeito de um quadro pintado por um determinado artista, provavelmente essa pessoa teria dificuldades em organizar em sua mente todos os detalhes que ouvira do outro. Mas, se por outro lado, essa imagem lhe fosse mostrada, o aprendiz teria oportunidade de construir sua própria idéia a respeito do que vira. Dessa forma, o processo de aprendizagem aconteceria de uma maneira em que o indivíduo pudesse desempenhar tanto o papel de aprendiz como o papel de seu próprio educador.

A aprendizagem é o processo pelo qual uma nova informação se relaciona com aquilo que o indivíduo já sabe ou já conhece, possibilitando sua organização.

Existe, porém, o que alguns autores chamam comumente de uma possibilidade da ocorrência da aprendizagem mecânica, é aquela que encontra pouca ou nenhuma informação prévia na estrutura cognitiva do indivíduo com a qual possa se relacionar, armazenada por ele de maneira arbitrária. Em geral, estas aprendizagens são como "novidade" para o estudante, mas como é mecanicamente assimilada, passa a se integrar às estruturas antigas ou a criar novas estruturas cognitivas.

Então, a aceitação da complementaridade dos processos ensino e aprendizagem, com ênfase na aprendizagem, deve ser a preocupação básica do docente do ensino superior, ressaltando que a docência existe para que a aprendizagem possa acontecer.

O **aprender** não é um processo que dispense rotinas ou que ocorra por mágicas, como qualquer docente já sabe. É um processo intencional, subentendido no conceito de *ensinagem*, pressupondo a escolha e aplicação de metodologia adequada tanto aos objetivos e conteúdos, quanto aos estudantes.

Os adultos aprendem da mesma forma que as crianças? É isso?

Pedagogia, como refere-se ao ensino e a condução de crianças; na Antiga Grécia os pedagogos eram os escravos que **conduziam** crianças aos caminhos do saber.

Conduziam crianças, mas os estudantes do ensino superior são adultos, têm toda uma experiência de vida, analisam, criticam, aplicam, discordam. Sob estes aspectos que M. Knowles, por volta de 1970, sugeriu uma adequação do termo Pedagogia com o que chamou de Andragogia, quando se referiu ao processo da aprendizagem do adulto. **Andragogia**, para Knowles, significa a ciência de ajudar os adultos a aprender.

Knowles foi influenciado pela filosofia educacional de J.Dewey (1859-1952) e pelas investigações de E. C. Lindeman, com grande repercussão em meados de 1930, nos EUA. Segundo esses autores, quanto à melhor forma de educar adultos e métodos utilizados, evidenciou-se que o sistema acadêmico se

desenvolveu numa ordem inversa: assuntos e docentes são pontos de partida, e estudantes são meros receptores. O aprendizado consiste na transferência passiva para o estudante da experiência e conhecimento de outrem.

Mas, se o ser humano é um constante aprendiz e se aprende aquilo que vê e faz, o seu manual é a experiência de vida. Aponta-se aqui a base para o aprendizado centrado no estudante. Infelizmente esse pensamento ficou perdido em algum manual didático. Pois a realidade educacional no ambiente universitário, desse lado de cá, continua passivo, sem vida, sem muitas experiências de sucesso, pois, se o contrário se comprovasse não seria esse o mundo em que vive essa humanidade intelectualizada.

Sabe-se que poucos são os trabalhos escritos sobre a aprendizagem de adultos. Isso é surpreendente devido ao facto de todos os grandes mestres da antiguidade, Confúcio, os profetas hebreus e Jesus nos tempos bíblicos, Aristóteles, Sócrates e Platão na Grécia antiga, Evelide e Quintiliano na Roma antiga, eram todos professores de adultos. Eles entendiam a aprendizagem como um processo de investigação mental, não como recepção passiva do conceito repassado.

A educação universitária exige que o estudante se ajuste a um currículo estabelecido, este currículo, por sua vez, é elaborado fora das necessidades e interesses do estudante.

O ensino autoritário, testes que travam o pensamento, não têm lugar na educação dos adultos que desejam manter a mente estimulada, que aprendem pelo confronto de situações pertinentes, que exploram suas experiências antes de recorrer a textos e factos secundários.

O ato de aprender para um adulto apresenta-se como um desafio para o docente actualmente, pois mostra que os conceitos estáticos, limitados e padronizados restringem as capacidades dos seus estudantes. A educação de adultos é uma tentativa de criar um novo incentivo para aprender, suas implicações são qualitativas, não quantitativas. Os estudantes adultos são aqueles cujas aspirações intelectuais são menos prováveis de serem despertadas pelas instituições de aprendizagem convencionizadas.

Enfim, a aprendizagem é um processo para tornar-se consciente e avaliar a experiência de vida de um estudante ou aprendente. Para fazer isso ele não pode começar pelo estudo de assuntos na esperança que algum dia esta informação será útil.

Na educação dos adultos é fundamental retratar um modo novo de pensar a respeito da aprendizagem, o adultos abordam o aprendizado como resolução de problemas e aprendem quando o conteúdo é de valor imediato.

O ensino universitário deve dar conta de uma elaboração de diagnóstico das necessidades e interesses dos estudantes; ter uma definição de objetivos e planeamento das tarefas com a participação dos estudantes.

A Andragogia enfatiza que a prática docente pode ser melhorada com a adoção de seus princípios.

A realidade vivida na universidade direciona para a consideração de que o ensino encontra ingressantes, saindo da adolescência e, ao término, dos bacharelados e licenciaturas são adultos. Assim, entre os postulados Pedagógicos e Andragógicos, cabe a busca da complementaridade entre ambos num processo educativo inovador.

4. O Ensino na Universidade

O importante para o docente é saber desenvolver em suas aulas, um espaço para que a aprendizagem dos adultos se processe de forma eficaz, e isso exige desenvolver hábitos de estudo com os estudantes.

Planejar estudos, definir tempo semanal, diário, ensinar a fazer anotações de aulas; ensinar técnicas de leitura e de pesquisa; ensinar como ler e interpretar questões, por exemplo.

Lembra-se ainda que a motivação do docente ao ensinar também influencia na aprendizagem.

Ensinar é um desafio, implica acreditar no resultado de esforços, sendo entusiasta e não mero cumpridor de programas, fazer da sala de aula espaços onde o clima é favorável para a aprendizagem.

Ao fundamentar essas reflexões, evidencia-se que é necessária uma nova concepção de docente, aquele que tem coragem de assumir uma postura competente, reflexiva e aberta à colaboração.

Torna-se importante, também, abordar o modo como esse docente aprende, pois é muito difícil considerar que a pessoa que ensina, muitas vezes, é resistente à aprendizagem. Apresentar dificuldades para aprender, dentre outros motivos, porque é docente e já sabe tudo, tendo, portanto, dificuldade em aprender com os outros pode, nesse contexto significar um grande problema.

É válido ressaltar que é possível mudar a forma de ensinar se se colocar no lugar de mediador da aprendizagem, nesta sociedade do conhecimento, em que vive-se actualmente, o papel docente não é o de apresentar as informações, simplesmente, mas o de colaborar com o estudante para que eles interpretem essas informações, relacionando-as, contextualizando-as, incorporando-as ao seus "eus".

5. Os Desafios do Ensino Superior

A despeito dessa complexa exigência que acerca a instituição de ensino superior e as pessoas em que nela actuam, constitui-se nesse espaço um sistema de ensino de muitas responsabilidades. Trata-se de pensar um

ensino com significado, o qual precisa dar conta dos avanços da ciência, da tecnologia, da cultura e também dos problemas da actualidade.

Frequentemente a ciência é definida em função de metodologias. Pensa-se em produzir conhecimento científico como sendo o mesmo que produzir algo rigoroso, ignora-se a relevância, o significado do conhecimento produzido. A precisão de uma observação não a torna automaticamente de valor para a ciência. Não há dúvidas quanto ao facto de que a ciência precisa de metodologia, mas o uso rigoroso de um método pode ter consequências desastrosas. Em cada problema a ser pesquisado, encontram-se uma série de fatores que precisam ser estudados.

O ponto inicial de uma pesquisa na universidade não pode ser a metodologia, mas a relevância do problema para a vida dos estudantes e ou envolvidos. E, se um único estudante não tiver condições e tempo para investigá-lo, poderia ser pensado na possibilidade de pesquisas coletivas. Lembra-se que mesmo em trabalhos coletivos é possível avaliar individualmente o desempenho dos estudantes, bastam critérios e compromissos com a pesquisa a ser realizada.

Antes de mais nada é preciso saber discriminar os problemas que devem ser investigados. Essa escolha tem a ver com os valores dos investigadores. A responsabilidade da instituição de ensino superior na produção desse conhecimento está directamente ligada a qualidade do serviço prestado à sociedade.

A universidade organiza-se com o propósito de levar indivíduos capacitados a actuarem no espaço social e pressupõe que a sua tarefa de formadora trará mudanças positivas ao meio. Portanto, o maior desafio é coordenar as expectativas e habilidades dos estudantes com as competências dos docentes e mecanismos físicos adquiridos para promover a formação desejada.

Também acaba por se tornar um grande desafio aliar tradição e inovação. A educação tem a idade do nascimento da cultura e do homem, foi quando uma geração teve de ensinar à outra a humanidade por ela inventada (parafrazeando um grande autor brasileiro, Rubem Alves). Inovar, no entanto, não pode ser confundido com inventar. Inovar é um desafio implícito na ação de mudar, alterar as coisas, pela introdução de algo novo e que consiste na aplicação de conhecimentos já existentes, ou seja, implica criatividade.

Considerações finais

Ao retomar o pensamento inicial deste artigo, não há aqui a pretensão de uma receita, mas, de se levantar questões, as quais foram deixadas para nortear esse cenário de sucesso chamado de ensino universitário.

Todo docente carrega consigo a carga da responsabilidade que lhe é depositada nos ombros quando este recebe o programa da disciplina que irá leccionar em um determinado semestre de uma instituição de ensino superior específica, para a qual foi contratado e, contrato é um compromisso assumido, no qual cabe além de sua reputação como profissional, sua palavra como fomentador e actor principal do papel de transmissão de valores e posturas frente a vida.

É esperado, portanto, que nas instituições universitárias se ensine com responsabilidade, competência e coerência e, ainda é preciso saber que não existe experiência mais importante que outras, ou seja, o pressuposto da prática educativa é de que todas as experiências são importantes, tal como já dizia Paulo Freire.

E, em se tratando do ambiente acadêmico, o docente passará a ser um espelho que reflecte esperança de um mundo futuro, melhor e promissor nas carreiras e vidas dos estudantes pu universitários. Difícil?

Não, não o é se a sala de aula no ensino superior for um ambiente onde estudantes e docentes atuem com dedicação, porque o processo educativo demanda uma intencionalidade pedagógica calcada em objetivos e representa um grande desafio a ser enfrentado ou descoberto.

A responsabilidade é maior quando se pensa na realidade de Angola, onde o ensino é, realmente a oportunidade de uma vida melhor, uma possibilidade de fazer a diferença depois de tanto sofrimento de uma guerra.

O docente, em Angola, tem um compromisso com o País, com o jovem e com o futuro por muito tempo idealizado.

A vida e o mundo angolano são como as obras de arte, com experiências estéticas que ajudam a organizar as energias criativas, do povo, proporcionando e elaborando o conhecimento.

A educação superior angolana é mais que ensino, é um ato comunicativo e a comunicação deve ser uma prática pedagógica, pois comunicar é tornar o conhecimento comum a todos os envolvidos neste cenário acadêmico.

Para um angolano, o olhar é para frente, pois, o coração vive no presente, no entanto, o sofrimento serviu de alicerce, no passado, para construir uma sociedade mais justa, no futuro.

O ensino superior, aqui, não pode ser a transmissão de informação, mas, deve ser a experimentação de novas capacidades, competências e possibilidades de navegação nas redes da aprendizagem. Configura m-se assim, os maiores desafios do Ensino Superior em Angola.

Referências Bibliográficas

ALVES, R. Conversas com quem gosta de ensinar. 1ed. São Paulo: Cortez, 1981.

BEHRENS, M. A. A prática pedagógica dos professores universitários: perspectivas e desafios. Educação, Porto Alegre, v, 21, n.35, 1998.

COLL, C. Psicologia do ensino. A teoria genética da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DEWEY, J. Experience and education, the 60th anniversary edition. EUA, 1938.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

KNOWLES, S. The adult learner: the definitive classic in adult education and human resource development. 5ed., Houston: Gulf, 1998.

LEGENDRE, M. F. A Contribuição do Modelo da Equilibração para o Estudo da Aprendizagem no Adulto. In: DANIS, C; SOLAR, C. (Org.). Aprendizagem e Desenvolvimento de Adultos. Lisboa, 2004.

LINDEMAN, E.C. The meaning of adult education. EUA, 1930

MASETTO, M. T. Competências Pedagógicas do Professor Universitário. São Paulo: Summus Ed., 2004.

MOREIRA, M.A., Teorias de aprendizagem. A teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget. SP: EPU, 1999.

NÓVOA, A. Formação de Professor e profissão docente. Lisboa, 2000.

PIAGET, J. O nascimento da inteligência na criança. Coleção Plural. Lisboa Codex, Portugal, 1986.

UNESCO. Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: visão e ação. Paris, 09/10/1998.